

## Metástase

Rogério L. Furquim Werneck\*

Em artigo publicado neste mesmo espaço há cerca de quatro anos – *Insensatez, abismos e declives* (21/11/2003) – abordei o contraste marcante, que já então se notava, entre a seriedade com que o governo Lula vinha tratando a política macroeconômica e o descuido com que se vinha permitindo conduzir outras políticas públicas. Lançando mão de intuição extraída de um velho livro de Albert Hirschman, conjecturei que, onde erros, improvisações e procrastinações podiam ter conseqüências mais sérias a curto prazo, a atuação do governo vinha sendo mais eficaz. Em outras áreas, onde os custos de medidas impensadas ou de marasmos de inoperância tendiam a se fazer sentir em prazo mais longo, o governo parecia disposto a abrir amplo espaço para experimentação, soluções equivocadas e simples inconseqüência.

A verdade é que o susto da crise de desestabilização de 2002, fomentada pelo tresloucado plebiscito da dívida – carro-chefe do PT na campanha das eleições municipais do final de 2000 –, teve efeitos pedagógicos da maior importância. O aprendizado relâmpago e a complexa e fascinante guinada de discurso econômico que se seguiu podem ser sumariados numa frase singela, quase de cartilha: Lula viu o abismo.

O problema, contudo, como argumentei no artigo de 2003, é que em muitas outras áreas não havia nada parecido com a visão do abismo. Nessas áreas, os desdobramentos imediatos de decisões equivocadas pareciam ser bem menos dramáticos. Não havia abismos. Apenas declives. Alguns mais íngremes, outros nem tanto. Mas nada abrupto. E em certas áreas, como os declives pareciam imperceptíveis para olhos mais incautos, os descaminhos ficavam pouco evidentes, a princípio. E o aprendizado do governo, muito mais lento, na medida em que parecia sobrar espaço para improvisação, persistência em preconceitos arraigados e teimosa insistência em idéias erradas.

Passados quatro anos, no entanto, o governo afinal parece estar se dando conta de que se permitiu enveredar por caminhos completamente equivocados em muitas áreas, nas quais se vê hoje em posição muito mais desfavorável do que tinha no ponto de partida, no início do primeiro mandato. Depois de ter tripulado de forma completamente inconseqüente a agência reguladora da aviação civil, feito gato-sapato da Infraero e tratado com leveza incompreensível, por 11 longos meses, a crise de transporte aéreo deflagrada pelo acidente com o Boeing da Gol, o Planalto parece ter afinal percebido a real extensão do problema. Num desabafo de franqueza, o presidente declarou em reunião do Conselho Político na semana passada, que se via diante de um quadro de

metástase no transporte aéreo. Talvez tenha carregado nas cores, mas se trata de um divisor de águas. Um choque de realidade de suma importância.

É só o começo. Tão ou mais grave é o que vem ocorrendo em outras áreas, como no setor elétrico. Depois de anos de experimentação inseqüente, ao sabor de caprichos, preconceitos e pontos inegociáveis, os responsáveis pelo planejamento da expansão do setor elétrico afinal reconheceram na semana passada que o País está marchando para um quadro de insuficiência de oferta de energia elétrica, no apagar das luzes do atual mandato presidencial. Declarando-se estarecidos com o que agora vislumbram, esclareceram que, a menos de muita incompetência, o cenário de escassez ainda poderá ser evitado. A se julgar pelo desempenho dos últimos anos, não há razões para otimismo quanto à ressalva.

O quadro de inoperância e paralisia, que vem marcando a atuação do governo em tantas áreas e emperrando até mesmo o avanço do decantado Programa de Aceleração do Crescimento, vem sendo salvo, por enquanto, pelo bom desempenho da economia, fruto dos acertos da política macroeconômica do primeiro mandato e das excelentes condições propiciadas pela economia mundial. Mas, mesmo nessa área, o governo parece pouco empenhado em zelar pela preservação do que conquistou. De mudança em mudança, a equipe econômica, fora do Banco Central, vem perdendo qualidade a olhos vistos. E, se transformando – na melhor das hipóteses, quando não tenta inovar – num grupo adequado para operação de piloto automático em céu de brigadeiro, numa economia que prescindia de reformas. Mas, a esta altura, os desafios que os céus nos reservam não parecem ser bem esses.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.